

Similaridades temáticas além-fronteiras: Chico Buarque e Guy de Maupassant

Irene Severina Rezende¹

RESUMO: A despeito da diferença de tempo e espaço, "Bola de Sebo", conto de Guy de Maupassant, e a composição "Geni e o Zepelin", de Chico Buarque de Holanda, mantêm uma relação de semelhança temática evidente. Além disso, a circunstância de época – a revolução (invasão prussiana na Normandia) no caso de Maupassant e o pós-golpe de 60, no caso de Chico Buarque, com suas duras conseqüências nos anos 70 criam, a despeito das diferenças culturais, uma atmosfera similar para as duas protagonistas, ambas prostitutas, repudiadas pela sociedade em que transitam e sofrem.

ABSTRACT: Despite of the time difference and space, "Ball of Fat", story by Guy de Maupassant, and the composition "Geni and the Zepelin", by Chico Buarque de Holanda keep a relationship of evident thematic similarity. Moreover, the time circumstances - the revolution (Prussian invasion in Normandy) in the case of Maupassant, and the after-military blow of 60s in the case of Chico Buarque, with its hard consequences in years 70, creates, in spite of the cultural differences, a similar atmosphere for the two protagonists, both prostitutes, repudiated for the society where they transit and suffer.

PALAVRAS-CHAVE - Chico Buarque; Guy de Maupassant; Sacrifício; Prostitutas.
KEY-WORDS – Chico Buarque; Guy de Maupassant; Immolating; Prostitutes.

I. Boule de Suif

*O egoísmo não consiste em vivermos os
nossos desejos, mas sim em exigirmos
que os outros vivam da forma como nós
gostaríamos. O altruísmo consiste em
deixarmos todo o mundo viver do jeito
que bem quiser.*

Oscar Wilde

Na narrativa de Guy de Maupassant *Bola de Sebo*,² originalmente chamada de "Boule de Suif", seu primeiro conto, publicado em 1880,

¹Irene Severina Rezende é Mestra em Estudos Literários de Literatura Comparada, pela Universidade de São Paulo: USP. É doutoranda também em Estudos Literários de Literatura Comparada, da mesma Universidade. Pesquisa: *O Fantástico no contexto histórico-cultural do século XX: J.J.Veiga(Brasil) e Mia Couto (Moçambique)*.
E-mail: ireneseverina@hotmail.com.

² MAUPASSANT, Guy. *Bola de Sebo e outros contos*. São Paulo: Hamburg, Col. Clássicos. s/d. p.07.

encontramos uma cidade à mercê da guerra, sendo invadida pelos prussianos, momento em que o narrador observa:

Vozes de comando, gritadas numa voz desconhecida e gutural, subiam ao longo das casas que pareciam mortas e desertas, enquanto por detrás das venezianas cerradas havia olhos espiando aqueles homens vitoriosos, senhores, “por direito de guerra”, da cidade, dos bens e das vidas. Os homens nos seus quartos escurecidos sentiam o desespero que produzem os cataclismas, as grandes convulsões destrutoras da terra, contra os quais toda sabedoria e toda força são inúteis. (MAUPASSANT, 1987, p. 09).

Durante a guerra, Guy de Maupassant é mobilizado para a batalha franco-prussiana, assim sendo, engaja-se na seção de abastecimento do exército francês e o episódio da invasão prussiana na Normandia está presente em boa parte de sua vasta obra. Mas o pai arranja-lhe um substituto, é liberto do exército e volta a Paris.

Apesar de participar do exército, nunca deixou de perceber os valores e ideais de sua época, procurando explorar as mazelas humanas, com seus desejos e podridões, como bem mostra a narrativa em estudo. Nela o narrador questiona a incoerência da guerra e dos homens que a praticam, e que, para isso, rompem ensinamentos religiosos e a própria razão humana:

(...) o exército glorioso que trucidava os que se defendem, aprisionava os restantes, saqueava em nome da Espada e rende graças ao seu Deus, ao troar dos canhões – são todos uns horrorosos, flagelos que desconcertam qualquer crença na Justiça Eterna, qualquer confiança que nos ensinaram a ter na proteção do Céu e na razão do Homem. (1987, p. 09)

Nesse clima, um pequeno grupo, formado por dez pessoas, consegue autorização para sair da cidade. Ainda com sono, e com o tempo fechado, os burgueses - três homens e as respectivas esposas - pensam que estão embarcando somente pessoas da casta superior, uma vez que a escuridão da madrugada permite apenas que se vislumbrem: “(...) a acumulação das pesadas vestes de inverno fazia assemelharem-se todos aqueles corpos a vigários obesos com suas longas batinas”.

(p.11). Durante a viagem, o narrador observa a maneira com que esses burgueses conversam sobre dinheiro, quando usam o tom desdenhoso daqueles que muito possuem, e acrescenta: “Embora de condições diferentes, sentiam-se irmãos, pelo dinheiro, da grande maçonaria dos que possuem, daqueles que fazem tilintar o ouro ao mergulhar a mão no bolso”. (p.16). Também embarcaram “duas boas freiras que desfiavam longos rosários a murmurar ave-marias e padre-nossos”. (p.14); e uma prostituta apelidada por *Bola de Sebo*, devido à sua gordura, a qual vem, assim descrita:

A mulher, uma dessas chamadas galantes, era célebre por sua gordura precoce, que lhe valera o apelido de Bola de Sebo. Miúda, redondinha, gordinha com dedos rechonchudos estrangulados nas falanges como fieira de curtas salsichas, com uma tez luzidia e tensa, o seio enorme a rebentar a blusa, era no entanto apetitosa e desejada, de tal modo agradava à vista o seu frescor. Seu rosto era uma maçã vermelha, um botão de peônia prestes a florir; e ali se abriam, no alto, dois magníficos olhos negros, sombreados de grandes cílios espessos, que mais escuros os tornavam; embaixo, uma boca encantadora, pequena, úmida para o beijo, mobiliada de dentinhos brilhantes e microscópicos. De resto ela possuía, pelo que diziam, inapreciáveis qualidades. (1987, p.15)

Ao perceberem a presença de uma prostituta, “corre um murmúrio entre as mulheres honradas, e as expressões: ‘prostituta’ e ‘vergonha pública’ foram cochichadas tão alto, que ela ergueu a cabeça”. (p.15). A presença da mesma só é aceita quando, após todo o dia de caminhada, ela retira das saias uma farta refeição para a qual convida a todos, cujo gesto é comentado por Loiseau, um dos personagens e passageiro desta viagem, que aceitara a refeição: “Meu Deus, em casos como este, todos são irmãos e devem ajudar-se”. (p.19). A que o personagem, chamado de conde, vencendo a repugnância inicial, acrescenta: “Nós aceitamos com reconhecimento, madame”. (p.19). E como não podiam comer as provisões da rapariga sem lhe falar, todos conversaram com ela, a princípio com ressalvas, mas depois todos se soltaram e conviveram como se possuíssem a mais íntima das amizades. E nessa conversa descobrem que *Bola de Sebo* é

bonapartista³ e que se recusava a se relacionar sexualmente com soldados prussianos.

Neste ponto da narrativa, a prostituta já é completamente aceita por todos, inclusive tendo os seus sentimentos comparados aos das madames, como podemos observar no trecho a seguir:

(...) No entanto, a condessa e a manufatureira, que tinham na alma o ódio desarrazoado que a *gente direita* dedica à República e essa instintiva ternura que têm todas as mulheres pelos governos de penacho e despotismo, sentiam-se, a contragosto, atraídas por aquela prostituta cheia de dignidade, cujos sentimentos tanto se assemelhavam aos seus. (1987, p.21)

Este sentimento não resistiria por muito tempo, pois a diligência é parada por um oficial alemão que impede a viagem. Após algum tempo, este mesmo oficial anuncia que desejava falar com *Bola de Sebo*, que se recusa a ir ao encontro dele. Porém seus companheiros de viagem, procurando persuadi-la, usam dos mais descarados argumentos, tais como: "(...) a sua recusa pode acarretar dificuldades consideráveis, não somente para a senhora, mas até para todos os seus companheiros. Não se deve resistir àqueles que são mais fortes". (pp.23-24). E o narrador lembra que os mais ricos eram os mais aterrorizados. Tanto pediram, aconselharam, que acabaram por convencê-la.

Bola de Sebo deixa claro que aceitava falar com o oficial, somente pelos companheiros de viagem. O pedido do oficial alemão deixa indignada a prostituta, pois o desejo dele era ter uma noite com ela, para poder liberá-los, coisa que ela recusa terminantemente.

Podemos, neste ponto da história, perceber a mudança de comportamento dos passageiros, que a todo o momento, pensam somente em si mesmos e agem de acordo com suas conveniências e suas necessidades. Em três momentos diferentes mudam rapidamente de opinião a respeito da prostituta:

³ Bonapartista – Partidário de Napoleão Bonaparte ou do bonapartismo; Relativo a Napoleão Bonaparte (1769-1821), ou ao bonapartismo.

O almoço foi bastante triste; e produzira-se como que um esfriamento para com Bola de Sebo, pois a noite, que traz conselho, modificara um pouco as opiniões. Quase que odiavam aquela rapariga, agora por não ter ido encontrar-se secretamente com o prussiano, a fim de dar, pela manhã, uma boa surpresa aos seus companheiros de viagem. Haveria coisa mais simples? E depois, quem ficaria sabendo? Ela bem podia salvar as aparências, dizendo ao oficial que só o fazia de pena dos viajantes. E aquilo, para ela, tinha afinal tão pouca importância! (1987, p.32)

As mulheres ignoravam a prostituta nem falando mais com ela, quando explodiu o temperamento plebeu de Mme. Loiseau:

— Nós é que não vamos morrer de velhice aqui. Pois se é o ofício dessa ordinária fazer isso com todos os homens, acho que ela não tem o direito de recusar quem quer que seja. Ela que não rejeitava nada em Ruão, nem os cocheiros! Sim, madame, o cocheiro da prefeitura! (...) E hoje que se trata de nos tirar de apuros ela se faz de melindrosa, essa coisa à-toa!... (1987, P.32)

Neste ponto já querem entregar “aquela miserável” de mãos e pés atados ao inimigo. Põem-se a conspirar sem se importarem com os sentimentos de Bola de Sebo. Chegam a apelar aos santos, argumentando que “muitos haviam cometido coisas que seriam crimes a nossos olhos; mas a Igreja absolve sem dificuldades tais atos, quando são praticados pela glória de Deus, ou pelo bem do próximo”, (p.37), ou ainda que: “os fins justificam os meios”. (p.37).

Tanto argumentaram, que *Bola de Sebo* se deitou com o oficial, por uma noite inteira.

Mas na manhã seguinte, evitaram a prostituta como se ela carregasse alguma infecção embaixo das saias. Foram liberados. Todos levaram comida, menos ela que, apressada e envergonhada, não se lembrara de pegar comida. Nenhum dos viajantes lhe ofereceu nada.

Durante a viagem, “(...) ninguém a olhava, ninguém se importava com ela. Sentia-se afogada no desprezo daqueles honestos crápulas, que primeiro a haviam sacrificado, e rejeitado depois, como uma coisa indecente e inútil.” (1987, p.44). *Bola de Sebo* procurou controlar as

lágrimas, mas não conseguiu e “às vezes um soluço, que ela não pudera reter, atravessava as trevas, entre duas coplas” (p.45).

II. Geni

As características centrais dos textos de Chico Buarque⁴ podem ser consideradas como a nostalgia, a violência e a desilusão. A nostalgia está presente, sobretudo nos primeiros trabalhos, desde *A Banda*, lembrando um universo provinciano e lírico. A violência aparece em quase todos os seus textos, violência contra a mulher, contra o menor, o homossexual, etc. Chico narra o desalento e a perplexidade do homem da rua, do sambista e do casal de namorados numa era tecnológica que dispensa o “velho” romantismo. Dedicou-se a escrever sobre o presente violento, de um povo como o nosso, que vivia debaixo de um regime Militar e repressor, mais acentuado na década de setenta.

Nas composições de Chico Buarque estão contidos dois períodos da vida brasileira, os anos 70, sob o regime da ditadura militar, e os anos 90, com o país democratizado, porém mantendo internamente, nos dois períodos, os abismos das desigualdades sociais. Com fina ironia o autor descreve o tipo de estado em que se vivia nas diversas camadas sociais, no Brasil, nesses dois períodos.

Para a crítica Walnice Nogueira Galvão, a obra de Chico Buarque:

(...) constitui uma só e interminável reflexão sobre a canção. Para que serve a canção, qual seu alcance e poder, o que é que ela pode dar ao ouvinte, qual o papel e a importância do autor, tais são os problemas que permeiam toda a produção de Chico Buarque. (GALVÃO: 1968, p.112)

⁴Francisco Buarque de Holanda nasceu a 19 de junho de 1944, no Rio de Janeiro, filho do historiador Sérgio Buarque de Holanda e de D. Maria Amélia, pianista amadora. Aos dois anos de idade mudou-se com a família para São Paulo. Coleção: *História da Música Popular Brasileira*. São Paulo: Abril S. A. Cultural, 1982. Polygram, GRA 60012790.

Para expressar a idéia irônica que sugere uma mudança de atitude, na composição *Geni e o Zepelin*, o autor busca uma intertextualidade com o conto *Bola de Sebo* de Guy de Maupassant. Ao criar sua personagem, Chico traz como referência a história de uma mulher que representa a mulher brasileira discriminada pela sociedade.

Geni e o Zepelin, música escrita na década de setenta, denuncia as estagnações femininas, subjugadas aos caprichos masculinos, de uma sociedade machista, e tem como personagem uma prostituta (ou travesti?) de mesmo nome, que vem assim descrita pelo autor:

De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada
O seu corpo é dos errantes
Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada
Dá-se assim desde menina
Na garagem, na cantina
Atrás do tanque, no mato
É a rainha dos detentos
Das loucas, dos lazarentos
Dos moleques do internato
E também vai amiúde
Com os velhinhos sem saúde
E as viúvas sem porvir
Ela é um poço de bondade.

O que devemos levar em consideração é o desvio de caráter comportamental desta personagem: “Dá-se assim desde menina/... É a rainha dos detentos/...Das loucas dos lazarentos...”. E também o que não deve ser esquecido é que, por estar situada em uma sociedade dotada de regras, a Geni acaba por agredir a cultura, o comportamento e os costumes desta mesma sociedade, sendo que assim, acaba desprezada pela mesma. Quando isso acontece, geralmente toda a sociedade se mobiliza para condenar o comportamento individual que se encontra desviado dos objetivos coletivos e que, portanto diverge dos costumes e dos hábitos dos demais. Como não há perdão para esse tipo de comportamento, haverá o castigo que a personagem receberá desta sociedade: “Ela é feita para apanhar/...Ela é boa de cuspir/...Ela dá pra

qualquer um/..." por isso, "Joga pedra na Geni/...Joga bosta na Geni/... Maldita Geni", ilustrando muito bem o tratamento dispensado a ela, após cometer os atos citados e que são condenados pela sociedade.

No verbo "dá-se" está resumida uma existência sem muito propósito e sem autonomia, o que torna a personagem escrava da sociedade. Nele há uma ironia que não se prende somente à falta de respeito para com a condição de prostituta, mas o autor estende sua ironia também aos homens que se consideram superiores e elevados, mas que se relacionam com ela, ainda que seja puramente pelo desejo carnal.

Na produção de Chico Buarque, letra e música formam um corpo único, perfeitamente articulado. E a música, sendo por si mesma, produtora de sentido, reforça a letra, como podemos observar em *Geni e o Zepelin*.

A estudiosa de Música Popular Brasileira, e especialmente da música de Chico Buarque de Holanda, Adélia Prado de Menezes, afirma que:

(...) a palavra cantada apresenta uma dimensão mais sensorial: ela nos atinge, ainda mais do que a poesia, no nível dos sentidos. Mais do que num poema (sobretudo numa leitura silenciosa, de lábios fechados), na canção a palavra é *corpo*: modulada pela voz humana, portanto carregada de marcas corporais; a palavra cantada é um sopro que se deixa moldar pelos órgãos da fala, trazendo as marcas cálidas de um corpo humano.⁵

Podemos confirmar isso desde muito tempo atrás, pois os textos da *Ilíada* e da *Odisséia*, por exemplo, já eram apresentadas ao público acompanhadas de melodia. E *lírico* era o nome dado à poesia que era acompanhada ao som da lira. Temos conhecimento de que hoje se lê muito pouca poesia, e que uma das maneiras dela chegar até às pessoas, é por meio da canção popular. Assim sendo, a canção se torna

⁵ REVISTA CULT nº 54, p. 58.

um veículo da poesia, sobretudo entre os mais jovens que ouvem mais som do que desenvolvem boas leituras.

Mas um dia, "(...) surgiu, brilhante/ entre as nuvens flutuante/ um enorme Zepelim/, que /pairou sobre os edifícios/ abriu dois mil orifícios e ameaçou tudo explodir". A escolhida pelo comandante foi a prostituta, *Geni*. Também estava nas mãos dela a salvação de todos. Surgem "(...) O prefeito de joelhos/ (poder executivo); O bispo de olhos vermelhos" (poder religioso); e o "banqueiro com um milhão" (poder econômico); que se quedam diante da personagem, suplicando que os salve, e nesse ponto da música, o tratamento também se inverte para "*Bendita Geni*".

Como *Bola de Sebo*, *Geni* passa por cima de seus escrúpulos, aceitando dormir "com homem tão nobre/ tão cheirando a brilho e a cobre" para salvar a cidade e as pessoas que nunca aceitaram seu comportamento de prostituta, e que, incoerentemente, sempre tiveram procedimentos que indicavam ideologias, atitudes e estereótipos da *estética moral* dominante naquela sociedade.

A aproximação das duas personagens nos faz lembrar das palavras de Antonio Cândido:

A literatura é um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (2000, p. 74)

Portanto, de acordo com Cândido, a literatura deve circular, ser lida e ser deformada ao gosto de cada público e à maneira de cada autor. Se Chico Buarque se inspirou em *Bola de Sebo* para criar a sua *Geni*, ele conseguiu, com grande maestria, criar uma personagem contemporânea e próxima do público moderno, que se vê apavorado

diante do inimigo que poderia tudo explodir, caso a formosa dama não lhe servisse por uma noite.

Ao aproximarmos os dois textos percebemos semelhanças óbvias entre *Geni* e Mme. Elisabeth Rousset (*Bola de sebo*), as duas damas, formosas, que já foram namoradas de tudo que é negro torto, preferiam amar com os bichos a se entregarem a nobres comandantes, mas, como são poços de bondade, aceitam saciar-lhes os desejos para redimir e libertar seu povo, porém recebem em agradecimento, somente impropérios e cusparadas.

Percebemos também que a “cidade em romaria” de Chico Buarque e as “pessoas direitas” de Guy são semelhantes, pois quando estão prontos pra virarem geléia, mostram seus lados mais herméticos, mesquinhos, implorando à mesma pessoa que outrora tinham xingado e a quem haviam dirigido palavras tortuosas.

Mas há um agravante na questão da *Geni* de Chico Buarque, uma vez que na peça *Ópera do Malandro* o personagem é um travesti e na verdade a cidade toda a odeia, não simplesmente pelo que ela fizesse com velhinhos, detentos e afins, e sim por ela ser uma pessoa que quebrava regras impostas pela sociedade, em relação à moral e aos bons costumes.

Os dois textos são de uma preciosidade sem tamanho, daqueles que provocam deleite nos leitores, pela forma impecável e pela acuidade com que captam o comportamento humano. Os textos nos mostram também que o ser humano pode ser torpe, cínico e capaz de mudanças de comportamento, de acordo com as próprias conveniências.

Encontramos nas duas obras o sacrifício em prol da amizade, o que é um dos acontecimentos mais sublimes e mais explorados em toda a história da arte e da ficção. São momentos épicos aqueles em que as personagens dormem com os inimigos sacrificando os próprios interesses em prol dos amigos, e colocando-se acima dos próprios sentimentos e do nojo, apenas para perpetuar esse sentimento tão belo de amizade. Mas nos dois contos, somente acabam por trazer às duas personagens nada mais que sofrimento, ansiedade, e frustrações, uma

vez que continuam os problemas já existentes. Ambos os sacrifícios resultaram inúteis, pois a personagem de Bola de Sebo continua sendo desprezada e tratada como sempre fora e com Geni não foi diferente, foram respeitadas somente enquanto podiam ser úteis aos gananciosos.

Referências bibliográficas

- ABDALA, Jr. Benjamin. *Literatura, História e Política*. São Paulo: Ática, 1989.
- BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BROMBERT, Victor. *Em louvor de Anti-Heróis*. Trad. De José Laurenio de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8 ed., São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- _____, & Outros. *A personagem de ficção*. 9 ed., São Paulo: Perspectiva, 1998.
- _____, *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 9 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Tendências contemporâneas na literatura*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1992.
- CASTEX, Pierre-Georges, *O conto fantástico na França de Nodier à Maupassant*. Paris: Éditions José Corti, 1951, 466 p.
- COUTINHO, Eduardo F. e CARVALHAL, Tânia Franco. (Org.). *Literatura Comparada. Textos Fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura: conhecimento e vida*. São Paulo: Petrópolis, 2000.
- JOUBE, Vicent. *A Leitura*. Trad. Brigitte Hervor. São Paulo: UNESP, 2002.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O Foco Narrativo*. 2 ed., São Paulo: Ática, 1985.
- MAUPASSANT, Guy de. *Bola de Sebo e Outros contos*. Trad. Mário Quintana, Casimiro Fernandes. Rio de Janeiro: Globo, S. A. 1987.
- MENEZES, Adélia Bezerra. *Desenho Mágico. Poesia e Política em Chico Buarque*. 3 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1982.
- MONEGAL, Emir Rodríguez. *Borges: uma poética da leitura*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada. História, teoria e crítica*. São Paulo: Edusp, 1997.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *O Canibalismo amoroso — o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.